

## RESENHA- REVIEW-RESEÑA

### AUTOBIOGRAFIA, SOFRIMENTO E ANTROPOLOGIA DA VIOLÊNCIA

### AUTOBIOGRAPHY, SUFFERING AND THE ANTHROPOLOGY OF VIOLENCE

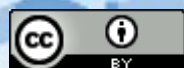
### AUTOBIOGRAFÍA, SUFRIMIENTO Y ANTROPOLOGÍA DE LA VIOLENCIA

GAVILÁN SÁNCHEZ, Lurgio. **Memorias de un soldado desconocido. Autobiografía y antropología de la violencia.** 1ª reimpressão. Lima: IEP; Universidad Iberoamericana, 2013 (Serie Estudios sobre Memoria y Violencia, 3). 178 pág.

A história de Lurgio Gavilán Sánchez, peruano nascido em Ayacucho, que se junta voluntariamente ao grupo guerrilheiro Sendero Luminoso nos anos 1980 quando tinha somente doze anos de idade, ingressa após esta experiência nas forças armadas nacionais, torna-se sacerdote alguns anos depois e deixa esta "vocação" para estudar antropologia é o tema deste livro que combina autobiografia, relatos sobre violência e antropologia do sofrimento.

Gavilán Sánchez tem uma narrativa simples e envolvente, expondo a sua rara trajetória num panorama de violência e engajamento, dor e coragem de contar o que passou e o que fez em cada um dos quadros experienciais. O livro divide-se conforme as quatro principais fases de vida do autor: o período em que esteve envolvido no Sendero Luminoso, a fase em que se engajou no exército peruano, o momento do sacerdócio em uma instituição franciscana e o período "memorialista" em que o autor, já antropólogo, dedica-se a elaborar o passado na escrita.

O período no Sendero Luminoso é marcante. Até hoje a história deste recente período da história do Peru exerce grande fascínio ou repulsa pelo quadro de violência proporcionado ao longo de anos, especialmente para comunidades rurais no Peru. O Sendero Luminoso foi um grupo de guerrilha com ideais comunistas e que se tornou um coletivo de combate (com táticas terroristas) a partir



de um momento dos anos 1980, ameaçando o sistema de poder nacional. Talvez parte do sucesso deste livro no país deva-se a isto, cabendo lembrar que o prólogo e o ensaio introdutório são assinados por dois antropólogos (Carlos Degregori e Yercó Castro Neira, respectivamente), um deles especialista no assunto. Gavilán Sánchez entrou no grupo armado para procurar seu irmão, que já era membro, portanto de maneira voluntária. Aprendeu desde logo os códigos de conduta e as formas de aclamação, dentre as quais as efígies de Marx, Lênin e Mao deviam ser adoradas em um caráter quase místico, somados à figura local de Abimael Guzmán, conhecido entre os comunistas do partido e do movimento pelo nome de Presidente Gonzalo.

*“He recordado siempre ese día de mi partida de la comunidad de Punku [...] firme, partí a una aventura desconocida sin fecha de retorno. Tenía 12 años”* (p. 60). Não faltam episódios sobre presença da morte e da violência. A vigilância e as formas de dominação dos membros mais antigos parecem passar pela demonstração de desapego ao passado e de pouco valor à vida das pessoas que se posicionavam contra o Sendero ou o comunismo. Lurgio aprende logo que estar preparado para morrer é algo a ser enfrentado, e matar também pode se tornar uma atitude banalizada. *“Este hombre es un soplón, yanaumas”* e segue dizendo: *“Nuestro objetivo era eliminar a los yanaumas en las comunidades campesinas”* (p. 69).

Num dos ataques, relata que matavam os *ronderos* (pessoa da comunidade que zela pela segurança coletiva na ausência ou em complemento à polícia), abatidos por balas ou decapitados, além de queimar todas suas coisas. Quando a ação não era violenta, saqueavam ou pediam ajuda (que se tornava obrigatória, evidentemente). A violência não era apenas para fora do grupo; aos desertores ou traidores ela não era menos forte. Relata o caso de mulheres que pediram colaboração em comunidades e repassaram ao Sendero Luminoso somente metade, ficando com parte para elas. Sentença: morte. *“Atadas las manos con sogas de lana de llama, lloraban y pedían perdón. Para el partido no existía el perdón. Muerte o fidelidad [...] fueron sentenciados a fusilamento”* (p. 77). Outros relatos de violência são frequentes no livro.

O momento em que viveu no grupo é narrado de maneira emotiva por Gavilán Sánchez, embora reconhecendo o terror. Mostra outros lados desta vida

coletiva, tais como a confiança de uma sociedade melhor que virá através da luta, os eventos cotidianos, as festas e celebrações entre os companheiros. O autor nos mostra que houve distintas fases do Sendero Luminoso e que a violência extrema foi adotada posteriormente a sua disseminação. Pouco tempo depois de ingressar é nomeado para liderar uma seção, afirmando “[...] fui designado como mando político, tres meses antes de cumplir mis 14 años; había llegado a la jerarquía más alta a pesar de mi corta edad y de ser analfabeto” (p. 95). Capturado numa ação do exército, forçosamente abandona o grupo.

A época em que esteve nas forças armadas não é menos impressionante. Ter ingressado por ser preso pelos militares quando mal havia chegado à adolescência criou uma condição em que se tornava menos difícil adestrá-lo à disciplina das forças armadas. Quase foi morto na emboscada, permaneceu durante alguns minutos observando os algozes decidirem se o matariam ou o utilizariam para reconhecimento de território. Aos poucos entra nas forças tendo tido as graças de um comandante.

A história nesta parte adquire um caráter curioso, pois o autor não parece enfatizar as diferenças entre o Sendero e as Forças Armadas do Peru. Passagens jocosas aparecem, tais como a substituição do hino comunista e dos cantos rituais do Sendero pelo hino nacional e o modo como foi transformado “*en un soldadito*”. Há uma sensação no leitor de uma identidade rizomática que o autor atualiza conforme os processos de desterritorialização e sobrecodificação – caso quiséssemos utilizar termos deleuze-guattarianos, algo que o autor não faz –, uma vez que sem problemas sua inserção neste novo mundo lhe modifica comportamentos e práticas. Mais que isto, não tendo nunca feito certidão de nascimento, diz: “*un profesor amable tramitó mi partida de nacimiento. Desde este año pertenezco a esa provincia maravillosa de Huanta que me acogió [...]*” (p. 105). É neste período que estuda e aprende que descende dos “*hombres más antiguos de Perú*”.

A violência impetrada pelas Forças Armadas peruanas é expressivamente rememorada. Estupros e terror nas comunidades são comuns, fatos já documentados em filmes e nos trabalhos da Comissão da Verdade, que investigou todo o período e no qual Lurgio trabalhou. Uma importante contribuição do livro está neste caráter testemunhal, operando transições sem problemas entre a violência

causada pelo Sendero Luminoso e o sofrimento igualmente destruidor levado a cabo pelo exército.

Um dia percebe que as forças armadas não lhe satisfazem e decide sair. Conheceu por ocasião uma freira e ela *“me habló en esta forma: “Usted puede ser sacerdote!”. Solté una carcajada inocente, y dije: “No madre, yo tengo pecado grave y seguro Dios me bota a patadas”. “No, no! me respondió, “Dios vino al mundo a buscar a los pecadores”* (p. 127). A vontade fazer algo pelos outros, tal como um dia sonhou junto ao Sendero – e nunca pode realizar –, tornou-se mote fundamental para abandonar o quartel e entrar no seminário e, tal como relata, lutar pelo comunismo por meio da paz. Este capítulo é voltado às muitas missões como sacerdote em comunidades isoladas das montanhas e das florestas do Peru.

Os momentos de solidão no convento o fazem reviver de modo memorial muitas das experiências. A vida monástica, apesar de que encontra paz e disposição para obras sociais, não lhe agrada de todo. Após refletir sobre sua vida fora do seminário decide abandonar a batina. *“Mi plan sería volver a mi Pueblo a vivir una tranquila vida como campesino. Sin embargo, el futuro me esperaba más sorpresas”* (p. 156). Resolve estudar antropologia.

No último capítulo da obra, o autor refaz o caminho de sua infância percorrendo as memórias com certa dose de saudosismo e simultâneo sentimento de sofrimento. *“[...] Volví después de 20 años, a buscarme en los rastros”* (p. 161). Esta parte do livro é emotiva e cativante, mostrando como as pessoas com quem ele encontra também revivem o passado, é um passado de luta e sofrimento (*“aquí falleció mi hermano! Aquí murió mi tío!...”*). Entre a comunidade em que viveu quando criança e os caminhos do Sendero *“[...] viví largo tempo, y a volver sentí como si todo se hubiese detenido em algún momento, o como si fuera la noche larga en la Antártica o cuando el inca ató al sol [...]”* (p.164).

A narrativa da obra é linear, trata de uma maneira a-problemática os acontecimentos como processos sociais e biográficos "normais", apesar da estranheza que provoca no leitor. Aspecto que somente quando decide escrever suas memórias começa a ficar clara ao autor o quanto sua própria trajetória é diferente. Será esta forma de autobiografia, que mostra o vigor da violência e do sofrimento social, uma maneira de relatar que se desobriga propositadamente do

estilo narrativo típico do pós-modernismo? Lurgio parece não necessitar de recursos de linguagem além de contar como viveu, um realismo espontâneo.

Por sua parte, a narrativa também toca em elementos de hibridação. Marxismo e tradição andina se fundem de uma maneira singular nas comunidades rurais camponesas e poder-se-ia afirmar que a última põe em perspectiva muitos dos elementos universalistas do materialismo histórico. Não deixa de ser espantoso que a escatologia marxista se reafirma, modificando-se, por meio do poder do líder do Sendero Luminoso Presidente Gonzalo num tom de messianismo em que comida e felicidade se acasalam nesta grande finalidade das lutas sociais. Menções sobre a fome dos camponeses e a passada pelos senderistas tornam a comida farta uma luta última e ética. Ter comida traduz-se em sinal de justiça nesta sociedade sonhada. Numa passagem marcante, narra episódio com seus companheiros: *“Me senté frente a ellos e hice al rito de entrada – como siempre se hacía – diciendo: “Em nombre de Marx, Lenin y Presidente Gonzalo”. No sé qué más hablé. No sabía que decir, solo repetía que luchamos por la justicia social, pero todo esto en quechua”* (p. 84).

Mesmo assim, Lurgio coloca sob um prisma a experiência vivida (e também o realismo da narrativa); esta história é particular ao mobilizar elementos característicos dos dilemas latino-americanos, tais como o realismo mágico ou maravilhoso que abundam em relatos (seres fantásticos) e as concepções ontológicas que escapam às divisões natureza-cultura. Mas está no problema da sua experiência um ponto crucial e problemático, pois ela parece adquirir determinada substancialidade para além do conceito abstrato com o qual as ciências sociais e a filosofia costumam operar. Para além do conceito de experiência tão-somente seria a experiência do sofrimento e da violência o que mais adere a sua narrativa? De qualquer modo, a tensão também supõe que a importância da sua história ser narrada em livro, vendida e consumida, esteja ligada à superestimação que as nossas sociedades dão à experiência eminentemente individual.

A dimensão da experiência potencializa-se na linguagem, talvez como Walter Mignolo mostrou ser a manifestação de um pensamento fronteiro. Analfabeto até completar quatorze anos e falante da língua nativa, o *quechua* se impõe à memória e faz o autor traduzir constantemente os termos que são espontâneos da sua vida para o espanhol aprendido aos poucos nas linhas de frente

senderistas e nas forças armadas. Experiência e linguagem duplicada, sempre nas margens da intenção do autor e do entendimento do leitor que capta os sentidos possíveis. Tendo aprendido espanhol e latim, é o *quéchua* a língua capaz de traduzir a unicidade da sua experiência.

Em muitas passagens, Lurgio se coloca a coragem da verdade, lembrando a expressão que Foucault recupera em seus últimos cursos. Conta os massacres, os estupros, as torturas. O relato autobiográfico se confunde com confissão, mesmo que esteja contextualizado para não se tornar um relato exótico de extremismo, tampouco passa por eles como se fossem sem importância.

As três instituições nas quais mais se dedica – guerrilha, forças armadas, igreja católica – mostram paralelos impressionantes. Não estão em questão seus objetivos, mas o modo de produzir subjetividades, rotinas, disciplinas, controles e autoconhecimento. Nas três chama à atenção a adoração por meio de canções e ritos de aclamação, mencionando Marx, Mao, a nação peruana, Jesus e Francisco, cada um a sua vez conforme a instituição. Cabe mencionar as disciplinas que não parecem tão distintas: técnicas e práticas corporais, cuidado de si, acordar cedo, pensar reflexivamente sobre suas ações. Esta última é significativa. Quando no Sendero Luminoso, Lurgio relata que todos eram interpelados a falarem de seus erros, admitirem momentos de egoísmo, ou se haviam dormido enquanto deveriam estar vigiando. Punições não faltavam, como antes assinalado. Durante o período militar, também relata a necessidade de auto-monitoramento como prática. Enquanto seminarista ou monge franciscano, a reflexão sobre a vida de cristo e a necessidade de exame de consciência constante torna a disciplina, o controle dos freis e o autoconhecimento algo mais significativo que nas instituições anteriores. A punição neste caso é da própria pessoa, portanto diferente das anteriores. Possivelmente este período tenha relação direta com a vontade de escrever suas memórias, lembrando mais uma vez a coragem da verdade estudada por Foucault.

*“Por estos lugares andaba yo en 1983. Entonces la gente era conversadora y cariñosa. Ahora las personas se muestran indiferentes, te miran de piés a cabeza como si fueses algún enemigo, algún bicho extraño”.* Segue na última página do livro narrando: “De todo desconfían. Siguen en la pobreza como en aquella época, no han cambiado económicamente, siguen cultivando sus tubérculos, sus arvejitas, su maíz” (p. 173-174).

O livro alude indiretamente a muitos aspectos que são centrais à antropologia contemporânea, especialmente no que tange à autoria, biografia, verdade e ficção. Ao empreender sua análise para uma vida, uma pessoa, acaba por referir-se a uma sociedade, a gerações, ainda que poucos a tenham vivido como ele este período tão recente da história peruana, uma vida nos extremos.

Por:

**Guilherme Francisco Waterloo Radomsky**

Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. E-mail: [guilherme.radomsky@ufrgs.br](mailto:guilherme.radomsky@ufrgs.br)

**Resenha:**

Recebida em Janeiro de 2014.

Aceita em Maio de 2014.

